

# Frag ment os

Um Advento de  
contos e propósito

Miguel de Sousa Major

Título

**Fragments.**  
**Um Advento de contos e propósito.**

Autor

**Miguel Sousa Major**  
miguel.major@vivalavida.pt  
www.vivalavida.pt

Design

**Feel The Life Consulting**

Edição limitada ebook

**Dezembro 2025**

Todos os direitos reservados

**© 2025 Miguel de Sousa Major**

*O Advento é o  
tempo em que caminhamos devagar,  
entre o que somos e o que ainda podemos ser,  
preparando espaço para que algo maior  
nasça também dentro de nós.*

# **Índice**

Dedicatória / pág. 5  
Introdução / pág. 6

O pano azul / pág. 8  
A lamparina / pág. 10  
    O ensaio / pág. 13  
    O pão / pág. 15  
    A carta / pág. 18  
O presépio / pág. 20  
    O vizinho / pág. 23  
    As mãos / pág. 26  
    A noite / pág. 28  
A promessa / pág. 30  
    O silêncio / pág. 32  
        A visita / pág. 34  
    O perdão / pág. 36  
As crianças / pág. 38  
O caminho / pág. 40  
    A estrela / pág. 42  
        A casa / pág. 44  
A reconciliação / pág. 46  
    A vigília / pág. 48  
O nascimento / pág. 50

Epílogo / pág. 53

## Dedicatória

Este livro é dedicado a quem atravessa este tempo com o coração pesado. A quem, por muitos motivos, não encontra nesta época tantas razões para celebrar.

É dedicado a quem sente a ausência à mesa, a quem carrega saudades, perdas, preocupações ou silêncios difíceis de explicar. A quem trabalha quando outros descansam, a quem cuida quando já falta força, a quem segue em frente mesmo sem ter vontade de cantar.

É dedicado a quem, no meio do cansaço, continua a esperar. A quem acredita que Deus não se impõe, mas se oferece. E que o Menino Jesus nasce, vezes sem conta, nos lugares frágeis, pobres e improváveis do coração humano.

Que estas páginas sejam companhia e consolo. Que ajudem a fazer silêncio para reconhecer uma presença que não faz barulho. E que lembrem, com mansidão, que mesmo na noite mais longa, Deus escolheu ficar.

Se este livro conseguir ser abrigo por instantes, então já cumpriu o seu propósito.

## **Introdução**

Há histórias que não começam com datas nem com grandes acontecimentos, começam antes num detalhe quase invisível, num gesto pequeno que passa despercebido, num desses silêncios que não são ausência de som, mas convite à escuta.

Este livro nasce exatamente desse lugar discreto, do Advento vivido não como uma contagem apressada até ao Natal, mas como um caminho interior, feito de dias comuns, de pessoas simples, de fragilidades assumidas sem vergonha e de esperas partilhadas, porque ninguém aprende a esperar sozinho.

Cada conto é um fragmento desse tempo lento que resiste à pressa do mundo, não pretende explicar o mistério, porque o mistério não se explica, apenas se roça, aproxima-se dele com cuidado, como quem entra numa casa alheia de mansinho. Não oferece respostas fechadas, oferece perguntas que aquecem, perguntas sobre o cuidado que sustém, a presença que não foge, a dignidade que não se negocia, a esperança teimosa que insiste mesmo quando tudo parece cansado e gasto.

Aqui, o Natal não acontece de repente, vai acontecendo, devagar, no pão repartido sem alarde, na mão estendida sem cálculo, na palavra dita no momento certo, no perdão difícil que custa mais do que qualquer presente, no silêncio habitado que não tem medo de ficar. Vai acontecendo em casas imperfeitas, em corações feridos, em vidas que aprendem, pouco a pouco, a caber umas nas outras, apesar das falhas, apesar das ausências, apesar do frio.

Estes contos não falam de um tempo que passou e ficou arrumado na memória, falam de um tempo que pode sempre recomeçar, porque enquanto houver alguém disposto a esperar, a cuidar, a abrir espaço, o nascimento continua possível.

Que cada leitor encontre nestas páginas o seu próprio Advento e descubra, sem pressa, que também na sua história, tal como ela é, com as suas rachas e esperas, há lugar para o Menino Jesus nascer.

## O pano azul

Na manhã de 6 de dezembro, o frio cortava o rosto de Samuel enquanto atravessava o campo a caminho da escola. O inverno tinha tomado conta da aldeia, mas era um inverno estranho, quase mais pesado no coração do que no ar. Desde o ano anterior que se falava menos de Natal e mais de contas, menos de esperança e mais de cansaço.

Foi então que ele o viu, um pedaço de pano azul preso num arbusto, a balançar como se chamasse por alguém. Aproximou-se, curioso. Era macio, gasto, mas de um azul profundo, cor de céu ao entardecer. Samuel lembrou-se das histórias da catequese, Maria, o seu manto azul, a viagem para Belém, o Menino que havia de nascer numa manjedoura.

Guardou o pano no bolso, como quem guarda um segredo. Sentiu uma coisa estranha, um pequeno calor por dentro, como se uma luz muito discreta se acendesse na sua imaginação. “*Talvez seja um sinal*”, pensou, meio a sorrir de si para si. A avó costumava dizer que Deus fala mais pelos detalhes do que pelos trovões.

Nesse dia, durante as aulas, o pensamento fugia-lhe muitas vezes para o pano azul. Imaginava

Maria a caminhar, cansada, mas firme, imaginava José preocupado, mas confiante, imaginava o Menino Jesus pequenino, envolto em panos simples, sem ouro nem grandeza, apenas amor.

Quando regressou a casa, mostrou o pano à avó Rosa. Ela passou os dedos devagar pelo tecido e sorriu com ternura.

— Sabes, meu menino, o Natal começa assim, com qualquer coisa pequena que nos fala ao coração. Talvez seja só um pano. Ou talvez seja Deus a lembrar-te que está perto.

Nessa noite, antes de adormecer, Samuel colocou o pano azul debaixo da almofada. Lá fora, nada parecia diferente. Mas dentro dele, o Advento tinha começado.

## A lamparina

Na capela da aldeia, uma lamparina antiga queimava diante do sacrário. Ninguém sabia explicar bem como, mas a verdade é que o azeite parecia nunca acabar. A janela da sacristia deixava entrar correntes de ar, e ainda assim a chama resistia, teimosa e serena.

Na tarde de 7 de dezembro, Clara entrou na capela para fugir um pouco ao burburinho de casa. A mãe andava preocupada, o pai falava cada vez menos, e ela sentia-se pequena perante tantos silêncios de gente grande. Sentou-se num banco ao fundo e ficou a olhar para a lamparina, hipnotizada por aquele brilho suave.

O pároco, o senhor padre Manuel, aproximou-se sem fazer barulho.

— Gosta de ficar a olhar para a chama? — perguntou com voz baixa.

— Gosto... parece que não tem pressa — respondeu Clara — não se apaga, mesmo com o frio.

O padre sentou-se a seu lado.

— Sabes, a chama lembra-nos o Menino que está para nascer. Ele é assim, não vem com ostentação, nem com grandes luzes da ribalta. Vem pequeno, escondido, mas quem presta atenção percebe que a sua luz não se apaga.

Clara franziu o sobrolho.

— Mas às vezes parece que tudo está escuro. A minha mãe diz que este ano o Natal vai ser pobre.

O padre sorriu com ternura.

— O Natal começou pobre, minha filha. Começou numa manjedoura, com palha, frio e silêncio. A riqueza não estava nas coisas, mas no facto de Deus ter decidido ficar perto. O Menino Jesus vem lembrar-nos disso, há sempre uma luz que continua acesa, mesmo quando nos parece pouco.

Clara ficou mais um bocado, em silêncio. Antes de sair, chegou-se à lamparina.

— Então... enquanto isto estiver aceso, é como se a esperança estivesse acordada?

— É exatamente isso — respondeu o padre — e tu podes ser lamparina para alguém também.

Nesse fim de tarde, ao regressar a casa, Clara decidiu sorrir à mãe sem nada pedir em troca. Foi a sua primeira pequena chama oferecida. E, sem ninguém perceber, a casa aqueceu um pouco.

## O ensaio

No dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição, a aldeia costumava ter missa mais festiva, com coro e igreja decorada. Mas nesse ano, quase ninguém se tinha oferecido para cantar. Faltava tempo, ânimo, disponibilidade.

A catequista Ana decidiu insistir. Juntou meia dúzia de crianças e alguns adolescentes pouco convictos. Samuel e Clara estavam lá, empurrados pelas avós. No início, os olhares diziam “*não me apetece*”, “*isto é uma seca*”, “*preferia estar em casa*”. Mas a Ana não desistia.

— Vamos começar com uma simples: “*Noite de Paz*”. Não estamos a ensaiar para fazer bonito. Estamos a ensaiar para preparar o coração para o Menino.

As primeiras notas saíram tímidas, desafinadas. Samuel sentia a voz a tremer. Clara quase não se ouvia. Mas à medida que as palavras iam surgindo — “*paz*”, “*luz*”, “*amor*” — alguma coisa se rearranjava por dentro deles.

Ana parou a meio.

— Escutem, antes de cantarem. Quem é este Menino de que estamos a falar? Não é um boneco

do presépio. Não é uma figura distante. É Deus a dizer-nos: “*Eu conheço o vosso cansaço, as vossas dúvidas, as vossas tristezas... e ainda assim escolho ficar convosco*”.

Houve um silêncio leve. Depois, recomeçaram. Desta vez, a voz de Samuel saiu mais firme. Clara arriscou uma segunda voz, quase sussurrada, mas verdadeira. Até os adolescentes, a princípio embaraçados, começaram a alinhar, como quem percebe que não está apenas a preencher um tempo morto.

Quando terminaram, Ana sorriu.

— Não está perfeito. E ainda bem. Também o presépio não era perfeito. Era pobre, cheio de improvisos. Mas lá, no meio da imperfeição, nasceu a maior Beleza.

Ao sair da igreja, Clara cochichou a Samuel:

— Hoje senti... como se o Menino já nos estivesse a ouvir.

Samuel levou a mão ao bolso, onde o pano azul continuava guardado. E, pela primeira vez, desejou que o dia 25 chegasse, não por causa dos presentes, mas para ver se esse Menino era mesmo capaz de mudar alguma coisa por dentro.

## O pão

No dia 9, um vento mais agreste varreu a aldeia. As nuvens carregadas anunciam chuva, e muita gente decidiu ficar em casa. No pequeno largo, apenas a mercearia de dona Emilia se mantinha aberta, com as luzes amarelas a lutarem contra o cinzento da tarde.

À porta, um homem que ninguém conhecia bem encostou-se ao muro, a tentar abrigar-se. Vinha de longe, trazia a roupa gasta e um olhar que evitava das pessoas. Alguns diziam que era “*sem-abrigo*”, outros chamavam-lhe simplesmente “*aquele estranho*”.

Samuel, que passava a correr com um saco de pão acabado de comprar, abrandou aovê-lo. Houve um combate silencioso dentro de si: “*Se lhe dou, fico com menos para casa... E se a mãe se chateia?*”. Mas a voz da avó Rosa atravessou-lhe a memória: “*Quando partilhas, nunca ficas mais pobre. Ficas maior.*”

Aproximou-se, trémulo.

— Quer... um pedaço de pão?

O homem levantou o olhar, surpreendido. Os olhos cansados suavizaram-se.

— Quero, sim. Obrigado, rapaz.

Sentaram-se um pouco no banco frio. Comeram em silêncio. Partilharam, sem saber, muito mais do que pão. Partilharam tempo, presença, humanidade.

— Como te chamas? — perguntou Samuel.

— Miguel.

— Vai ficar aqui pela aldeia?

— Não sei. Às vezes ando à procura de trabalho. Outras vezes ando só à procura de paz.

Samuel ficou a matutar na resposta. Depois de um tempo, decidiu contar-lhe, meio atrapalhado, da lamparina da capela, do coro, do Menino Jesus que estava para nascer, do pano azul no bolso.

Miguel ouviu tudo com atenção.

— Sabes, menino, quando era pequeno, a minha avó também me falava do Menino. Dizia que Ele nasce em qualquer lugar onde uma pessoa é tratada como alguém que importa.

Samuel sorriu. Sem o saber, naquele banco frio, tinha-se acendido mais um presépio, um pão

partilhado, um nome revelado, uma dignidade reconhecida.

Nessa noite, ao chegar a casa com menos pão do que o esperado, explicou à mãe o que tinha acontecido. Ela suspirou, cansada, mas acabou por o abraçar.

— O Menino Jesus há-de perceber melhor do que eu — murmurou, encostando o rosto ao cabelo do filho.

E, devagar, o Natal começava a entrar em casas onde ainda ninguém tinha tido tempo para o preparar.

## A carta

Na escola, a professora Helena tinha proposto uma atividade diferente para o dia 10, cada aluno escreveria uma carta ao Menino Jesus. Não para pedir brinquedos, mas para lhe falar da vida, dos medos, daquilo que gostariam de ver mudado no mundo.

Os colegas protestaram ao início, habituados a listas de desejos materiais. Mas a professora insistiu.

— Imaginem que o Menino Jesus vos perguntava: “*O que mágoa o teu coração?*” Que resposta lhe dariam?

Clara ficou muito tempo a olhar para a folha em branco. Depois começou a escrever, devagar. Falou do pai sempre ausente, da mãe cansada, da sensação de que às vezes ninguém tem tempo para a ouvir. Falou dos colegas que gozam com quem é diferente, falou dos idosos que passam horas à janela a ver a rua passar. E depois escreveu uma frase que a surpreendeu: “*Menino Jesus, não quero que tires as dificuldades, só queria que nos ensinasses a sermos mais gentis uns com os outros.*”

Samuel, ao lado, escrevia também. Pedia que ninguém tivesse de passar fome, que ninguém fosse tratado como um invisível. Pedia coragem para continuar a partilhar o pão, mesmo que isso complicasse as contas lá de casa. No fim, acrescentou: “*Se puderes, ajuda-me a perceber melhor o que é amar.*”

As cartas foram dobradas e colocadas numa pequena caixa junto ao presépio da escola. A professora disse que ninguém iria lê-las. Eram apenas entre cada um e o Menino.

Nessa noite, em casa, Clara pensou em ir buscar a carta de volta. Sentiu vergonha das palavras que tinha escrito, medo de que alguém as pudesse descobrir. Mas qualquer coisa dentro dela sussurrou: “*Deixa. Ele já leu.*”

Na manhã seguinte, a caixa continuava lá, fechada, discreta. Mas tanto em Clara como em Samuel algo tinha mudado. Quando se fala com o céu, o chão onde se pisa nunca mais parece exatamente o mesmo.

## O presépio

No dia 11, dona Rosa decidiu tirar da arrecadação a caixa poeirenta onde guardava o presépio de barro. Era herança de família, peças pequenas, algumas lascadas pelo tempo, outras já coladas com cuidado. Cada figura tinha uma história, um ano, uma memória.

Chamou Samuel e Clara para a ajudarem.

— Hoje começamos o presépio. Não vamos pôr já o Menino. Ele só entra na noite de Natal. Mas vamos preparar-Lhe a casa.

Abriram a caixa. Primeiro o estábulo, depois a vaca e o burrinho, sempre juntos. A seguir, Maria, de azul, e José, com o cajado cuidadosamente esculpido. Os pastores vinham com ovelhas ao colo. Ao fundo, os Reis Magos aguardavam o seu tempo.

— Sabem porquê que gosto tanto do presépio de barro? — perguntou dona Rosa.

— Porque é antigo? — arriscou Clara.

— Porque é frágil — respondeu ela — basta um descuido, e uma peça parte-se. É como a nossa vida. Mas o Menino vem precisamente para isso,

para nos ensinar que mesmo o que está lascado pode voltar a ser amado.

Samuel pegou numa das ovelhas e reparou que lhe faltava uma orelha.

— E esta? Não fica feia assim?

— Fica real — disse a avó — no presépio verdadeiro não havia nada perfeito. Havia pobreza, desconforto, dúvidas. Mas ali, naquele lugar imperfeito, Deus escolheu nascer.

Enquanto colocavam as figuras, foram falando de pessoas de quem tinham saudades, de Natais antigos, de promessas feitas e esquecidas. A certa altura, Clara pegou num pequeno pedaço de pano azul que Samuel tirara do bolso.

— Podemos pôr aqui, no estábulo, como se fosse o manto de Maria? — perguntou.

Dona Rosa sorriu, emocionada.

— Podemos, sim. Talvez este pano seja mesmo o nosso jeito de dizer a Deus: “*Entra na nossa história também*”.

Quando terminaram, ficaram os três em silêncio a olhar para o presépio inacabado. Faltava o

Menino, é certo. Mas a espera fazia parte do mistério. E, enquanto esperavam, descobriam que também eles estavam a ser lentamente moldados, como barro nas mãos de um oleiro paciente.

## O vizinho

Na rua de trás da igreja vivia o senhor Joaquim, viúvo há muitos anos. Tinha sido carpinteiro, como São José, gostava ele de dizer, com uma alegria misturada com alguma tristeza. A idade trouxera-lhe dores no corpo e uma certa solidão na alma.

No dia 12, a catequista Ana falou às crianças de uma ideia, cada grupo iria visitar alguém mais só da aldeia, levando uma pequena mensagem de Natal.

— O Menino Jesus nasceu pobre, sim, mas não nasceu sozinho. Tinha Maria, José, os pastores. O amor cercou-o. Vamos cercar também quem, hoje, se sente só.

Samuel e Clara ficaram no grupo que iria visitar o senhor Joaquim. Levaram um bolo simples, feito pelas mães, e um desenho do presépio com o Menino ao centro.

Quando bateram à porta, ele demorou algum tempo a abrir. Estranhou ver tanta agitação infantil no patamar.

— Então... o que é que esta comitiva vem cá fazer?

Clara, meio envergonhada, adiantou-se:

— Viemos desejar-lhe um santo Natal... e dizer que Jesus não se esquece do senhor.

O velho carpinteiro respirou fundo. Era raro alguém pronunciar o seu nome e “*lemburar-se*” dele em voz alta.

— Entrem, entrem, não fiquem aí ao frio — disse, com uma alegria tosca.

Sentaram-se na sala simples, aquecida por um aquecedor antigo. Falaram de Natais de outros tempos, da mulher que ele ainda amava, dos filhos que viviam longe. As crianças cantaram uma canção que tinham ensaiado para a missa da consoada.

Quando se despediram, Joaquim ficou à porta, com o desenho do presépio na mão.

— Sabem... hoje já não me sinto tão sozinho. É como se o Menino já tivesse nascido um bocadinho aqui.

Ao regressar a casa, Samuel pensou que talvez o Natal fosse exatamente isso, descobrir que Deus

se aproxima sempre que nós nos aproximamos uns dos outros.

## **As mãos**

No dia 13, festa de Santa Luzia, a avó Rosa acordou mais cansada do que o habitual. As mãos, outrora firmes, tremiam ao segurar na chávena de café. Samuel reparou, preocupado.

— Avó, estás bem?

Ela sorriu.

— As mãos é que já perceberam que estão velhas, o coração ainda não.

Sentaram-se os dois à mesa da cozinha. A avó pediu que ele lhe trouxesse o presépio de barro, cuidadosamente, peça a peça. Queria vê-lo mais de perto.

— Sabes, meu querido, eu cresci a ouvir falar do Menino Jesus como quem fala de um vizinho próximo. Não era uma ideia no ar, era alguém que caminhava connosco, que via as nossas lágrimas e as nossas risadas.

Passou os dedos, trémulos, por Maria, por José, pelos pastores.

— Quando as mãos já não fazem tudo o que faziam, temos de aprender a amar com outras

partes do corpo, com os ouvidos que escutam, com os olhos que acolhem, com o pouco tempo que ainda podemos dar.

Samuel pegou nas mãos dela, pouco a pouco, como quem acolhe uma relíquia viva.

— O Menino também teve mãos pequeninas — disse ele, devagar — mãos que não seguravam nada, que dependiam dos outros para tudo. Talvez Ele perceba bem o que sentes.

A avó deixou escapar uma lágrima, que não era de tristeza pura, mas de reconhecimento.

— É por isso que gosto tanto de olhar para ele no presépio — murmurou — ali, Deus não está no alto de um trono. Está deitado, vulnerável. É um Deus que sabe o que é precisar dos outros.

Nesse dia, Samuel decidiu que, naquele Natal, o seu presente maior seria estar mais tempo com a avó. Ajudar nas pequenas coisas, ouvir as histórias já contadas mil vezes, deixar que as mãos cansadas descansassem nas suas.

Porque, afinal, o Menino Jesus vinha ao mundo precisamente para lembrar que ninguém se salva sozinho.

## A noite

Na catequese de 14 de dezembro, o padre Manuel decidiu fazer algo diferente. Apagou as luzes da sala, deixando apenas uma vela acesa, ao centro. As crianças sentaram-se em círculo.

— Hoje vamos imaginar que somos pastores — começou ele — gente simples, cansada, a tomar conta de rebanhos numa noite fria. Nada de extraordinário lhes acontecia. Até que... o céu falou.

Começou a contar, com voz calma, o episódio do Evangelho, os anjos a anunciar o nascimento do Salvador, a surpresa dos pastores, a corrida até Belém para verem o Menino deitado na manjedoura.

À medida que falava, as crianças iam-se deixando entrar na cena. Sentiam o frio da noite, o cheiro das ovelhas, a luz inesperada a rasgar a escuridão.

— Sabem o que mais me toca nesta história? — perguntou o padre — não foram os poderosos os primeiros a saber. Foram os pastores, os últimos da fila. O Menino Jesus começa logo por dizer: *“Eu venho primeiro para quem é esquecido”*.

Clara levantou a mão.

— Então hoje... quem são os pastores?

Houve um silêncio breve. Depois, as respostas surgiram, “os *sem-abrigo*”, “os *velhinhos sozinhos*”, “os *doentes*”, “os *que ninguém vê*”.

— E nós? — insistiu o padre — vamos ser anjos que anunciam a boa notícia... ou vamos ficar só a olhar para o céu à espera que algo mude?

Naquele fim de tarde, cada criança saiu com uma pequena missão, escolher alguém concreto para visitar, telefonar, abraçar, ouvir. Não era uma obrigação, era um convite.

Samuel, ao sair, cruzou-se com Miguel, o homem que tinha partilhado o pão no outro dia. Sorriu-lhe e acenou.

“*Talvez seja hoje que começo a ser pastor e anjo ao mesmo tempo*”, pensou.

Porque o Natal, aos poucos, deixava de ser uma história antiga para se tornar um roteiro de gestos presentes.

## A promessa

No dia 15, ao acordar, Samuel tomou uma decisão silenciosa, todos os dias, até ao Natal, faria pelo menos um gesto concreto de amor, sem o contar a ninguém. Seria o seu presente antecipado para o Menino Jesus.

Nesse dia, a oportunidade apareceu na forma de uma colega de turma, Inês, que costumava ser alvo de risos por ser tímida e ter um jeito diferente de falar. No recreio, um grupo de alunos começou a imitá-la, arrancando gargalhadas fáceis.

Samuel sentiu o sangue ferver. Até ali, tinha-se mantido sempre à margem, a fingir que não via. Mas a promessa que fizera de manhã ecoou.

Aproximou-se do grupo e, com o coração aos pulos, disse:

— Não tem graça nenhuma. Se fosse convosco, também gostavam que gozassem assim?

Houve sorrisos forçados, um “*não te armes em santo*”, um “estábamos só a brincar”. Mas a energia mudou. O grupo dispersou, incomodado.

Samuel ficou ali, meio tremendo, sem saber o que fazer a seguir. Inês aproximou-se, sem olhar diretamente para ele.

— Obrigada — murmurou — ninguém costuma dizer nada.

Ele encolheu os ombros, atrapalhado.

— É que... lembrei-me do Menino Jesus. Se Ele nascesse hoje, acho que queria que fôssemos mais justos uns com os outros.

Mais tarde, em casa, Samuel não contou nada à mãe, nem à avó. A promessa era entre ele e o Menino. Mas, pela primeira vez, sentiu que a fé não era apenas rezar ou ir à missa. Era escolher, em cada gesto, de que lado ficava.

E, nesse dia, sem presépio nem cânticos, o Natal aconteceu no recreio de uma escola.

## O silêncio

No domingo, 16 de dezembro, a homilia foi curta. O padre Manuel falou pouco, mas as suas palavras ficaram a ecoar.

— Há um detalhe na história de Maria que me fascina, ela não percebe tudo, não tem todas as respostas. E, no entanto, confia. Diz “sim” sem saber o que isso vai implicar. O Natal começa no silêncio de uma mulher que se arrisca a acreditar.

Clara levou essa frase para casa. À noite, fechou-se no quarto, apagou as luzes e sentou-se na cama, abraçada ao seu próprio silêncio. Tinha perguntas que nunca fazia em voz alta: “*Porque é que os meus pais discutem tanto?*”, “*Porque é que há pessoas que não têm casa?*”, “*Porque é que Deus permite tanta dor?*”.

Quis respostas rápidas, milagres claros, sinais no céu. Não teve nada disso. Teve apenas uma sensação suave de presença, uma espécie de certeza branda de que não estava sozinha naquele quarto escuro.

Pegou no terço que a avó lhe oferecera e, em vez de o rezar todo, limitou-se a sussurrar:

— Maria, se calhar também te sentiste assustada. Ensina-me a confiar como tu.

Não houve vozes, nem visões, nem anjos. Houve apenas um descanso novo, por dentro. Como se, por um momento, o coração encontrasse um sítio onde pousar.

No dia seguinte, Clara não sabia explicar o que tinha acontecido. Não tinha soluções para tudo, nem a vida se transformara de repente. Mas estava um pouco mais serena, um pouco mais capaz de esperar.

E percebeu que, talvez, preparar o Natal fosse isto, aprender a estar no meio do mistério sem fugir, com a coragem silenciosa de Maria.

## A visita

No dia 17, a aldeia recebeu uma visita pouco habitual, uma religiosa, irmã Teresa, vinha passar uns dias na casa paroquial para ajudar na preparação da consoada comunitária. Trazia um sorriso luminoso e uma mala pequena, como quem carrega apenas o essencial.

As crianças estranharam-na ao início, o hábito simples, o véu discreto, a forma como olhava cada pessoa como se fosse a única no mundo. Na catequese desse dia, ela decidiu falar-lhes diretamente.

— Sabem porque é que eu escolhi esta vida? — perguntou — porque um dia percebi que o Menino Jesus não queria só visitar o meu coração no Natal. Queria fazer dele casa permanente.

Samuel levantou a mão.

— Mas... não é difícil deixar tudo?

Ela olhou-o com carinho.

— Qualquer amor verdadeiro pede que deixemos alguma coisa. Os vossos pais deixam o descanso para cuidar de vocês. Vocês deixam brincadeiras para estudar. Eu deixei outras coisas para estar

mais livre para amar. Mas não é sacrifício triste. É escolha.

Clara quis saber:

— E o que é que mais gosta no Natal?

Irmã Teresa pensou um pouco.

— Gosto deste escândalo sereno, Deus, que podia tudo, escolhe tornar-se frágil. Ele não vem para mandar de longe. Vem para sentir na pele o que nós sentimos. Quando olho para o Menino na manjedoura, lembro-me: nunca mais, em tempo algum, poderemos dizer que Deus não sabe o que é ser pequeno.

No fim da catequese, ela distribuiu pequenas estrelas de papel, com uma frase escrita à mão: “*Onde há amor, aí Deus nasce de novo.*”

A visita da irmã Teresa não trouxe grandes espetáculos. Trouxe um modo novo de olhar o que já existia. E, às vezes, é tudo o que é preciso para o Natal ganhar outro brilho.

## O perdão

A 18 de dezembro, uma discussão antiga reacendeu-se na praça. Dois vizinhos, o senhor Álvaro e o senhor Mário, tinham deixado de se falar há anos por causa de um muro mal medido e de palavras azedas trocadas num verão quente. Desde então, cruzavam-se em silêncio pesado.

Nesse dia, enquanto se montava o presépio vivo que as crianças iriam representar, um empurrão sem querer fez com que quase se chocassem frente a frente. O ambiente gelou.

Samuel e Clara, que assistiam de longe, sentiram o desconforto. Lembravam-se do que o padre dizia sobre o Natal ser tempo de reconciliação. Mas quem é que se mete em guerras de adultos?

Foi então que irmã Teresa se aproximou, com a simplicidade desarmante que a caracterizava.

— Desculpem, senhores — disse, sorrindo — mas se o Menino Jesus vai nascer aqui na praça, vai precisar de um lugar onde não haja muros no coração.

Eles olharam-na, meio ofendidos, meio tocados.

— A vida já me magoou muito — disse Álvaro — não é fácil perdoar.

— Eu também me senti injustiçado — acrescentou Mário — não sou o único culpado.

Ela assentiu.

— Têm razão. O perdão não é dizer que não doeu. É decidir não deixar que a dor mande para sempre. O Menino, quando crescer, vai perdoar quem o magoa. Talvez hoje Ele vos peça só um passo pequeno.

Houve um silêncio pesado. Depois, com um gesto quase imperceptível, Álvaro estendeu a mão. Mário hesitou, mas acabou por apertá-la.

— Pronto... ao menos até ao Natal — resmungou, tentando disfarçar a emoção.

Mas toda a praça viu. As crianças sorriram, os mais velhos comoveram-se. Aquele aperto de mão era, para muitos, o milagre mais bonito daquele Advento.

Porque onde o perdão acontece, um presépio acende-se.

## **As crianças**

No dia 19, as crianças reuniram-se para preparar o teatro do presépio que iriam apresentar na véspera de Natal. Havia nervosismo, risos, pequenas discussões por causa dos papéis.

— Eu quero ser anjo! — gritava um.

— Eu é que queria ser Maria! — reclamava outra.

Ana, a catequista, respirou fundo e decidiu transformar o caos em aprendizagem.

— Ouçam — disse, levantando a voz com doçura — no presépio, não há papéis mais importantes. Todos são necessários. Maria e José, sim, mas também o burrinho que aquece, o pastor que quase não fala, a estrela que só brilha em silêncio.

Houve protestos, mas, pouco a pouco, a mensagem foi entrando.

Clara acabou por ser Maria. Não porque fosse a mais bonita, mas porque tinha um jeito sereno que tocava quem a via. Samuel ficou com o papel de pastor, simples, sem falas longas. E gostou. Sempre se tinha sentido mais pastor do que protagonista.

Durante o ensaio, ao pegar na pequena figura do Menino para simular o momento do nascimento, Clara sentiu um arrepio. Não era apenas teatro. Havia algo de mais profundo, como se, naquele gesto encenado, ela dissesse também “sim” a qualquer coisa que não sabia nomear.

No final, Ana reuniu-os em círculo.

— Lembrem-se, o mais importante não é que tudo saia perfeito. É que, através de vocês, as pessoas possam recordar que Deus escolheu ficar perto. Se, pelo menos, alguém sair daqui com mais vontade de amar, valeu a pena.

As crianças foram para casa cansadas, mas felizes. E, naquela noite, muitos pais, sem saberem porquê, sentiram um orgulho novo ao olharem para os filhos. Como se, de repente, percebessem que o Natal passava muito por eles também.

## O caminho

No dia 20, o padre Manuel propôs uma caminhada diferente. Ao fim da tarde, quem quisesse poderia percorrer, em silêncio, um pequeno trajeto pela aldeia, como se fosse o caminho de José e Maria para Belém.

Reuniram-se na igreja, idosos de bengala, crianças inquietas, casais, pessoas sozinhas. Cada um recebeu uma vela apagada.

— Vamos caminhar devagar, sem conversas, só a deixar que o coração acompanhe os passos — explicou o padre — no fim, vamos acender as velas ao mesmo tempo, diante do presépio.

Saíram em fila, atravessando ruas que conheciam bem. Mas, naquele contexto, tudo parecia novo. A farmácia, a pastelaria, a escola, o jardim, cada lugar lembrava histórias de vida, dores e alegrias misturadas.

Samuel, a caminhar ao lado da avó, imaginava José preocupado, a tentar encontrar um lugar para Maria descansar. Imaginava-os rejeitados em portas que se fechavam, acolhidos apenas por um estábulo modesto.

*“Quantas vezes eu também fecho a porta aos outros?”, pensou.*

Ao chegarem de novo à igreja, a luz já era pouca. O presépio de barro esperava-os, ainda sem o Menino. O padre acendeu uma vela e passou a chama, de mão em mão. Em poucos instantes, a igreja encheu-se de pontos de luz.

— Belém é aqui — disse o padre — é cada casa, cada coração que decide abrir espaço para o Menino. Não precisamos de viajar longe. Precisamos de deixar Deus fazer o caminho até nós.

Ficaram alguns minutos em silêncio, só com as velas acesas. Clara sentiu, naquele brilho conjunto, uma espécie de fotografia do que o mundo poderia ser se cada um deixasse nascer a sua parte de luz.

## A estrela

No dia 21, a chuva decidiu não dar tréguas. O céu estava carregado, e a lua não se via. À noite, Samuel foi à janela, um pouco desiludido. Queria ver estrelas. Parecia-lhe que, em tempos de Advento, o céu devia colaborar mais.

A avó Rosa aproximou-se, devagar.

— À procura de quê?

— De uma estrela especial... — respondeu ele — mas hoje não se vê nada.

Ela encostou-se ao parapeito.

— Nem sempre o que é importante se vê logo. Às vezes, a estrela está lá, mas as nuvens não deixam. Isso não quer dizer que tenha desaparecido.

Samuel encolheu os ombros.

— Mas se não se vê, não adianta muito.

A avó sorriu com paciência.

— Olha o Menino Jesus. Também não o vemos ainda no presépio, mas sabemos que vem. A fé é isto, aprender a confiar no que ainda não se vê.

Ficaram os dois a olhar o escuro. Ao fim de alguns minutos, a avó acrescentou:

— Sabes qual é a estrela que mais interessa?

Ele abanou a cabeça.

— A que consegues acender no coração de alguém. Quando consolas, quando perdoas, quando escutas, tornas-te estrela para essa pessoa. E isso ilumina muito mais do que um céu inteiro.

Nessa noite, antes de se deitar, Samuel pensou em quem poderia “iluminar” no dia seguinte. Já não esperava apenas uma estrela no céu.

Começava a perceber que o Natal se jogava, sobretudo, na constelação discreta dos gestos de cada dia.

## A casa

No dia 22, a mãe de Clara decidiu algo que há muito adiava, abrir a casa para receber quem estivesse mais só. Não tinha muito para oferecer, a mesa era pequena, o orçamento curto, mas o coração, nesse ano, andava inquieto demais para ficar calado.

Telefonou ao padre:

— Se souber de alguém que não tenha com quem passar a consoada, diga que pode vir a nossa casa.

Depois ligou à vizinha viúva, ao senhor Joaquim, e deixou o recado na paróquia. A notícia correu rápido.

Clara ouviu tudo com olhos muito abertos.

— Mãe, e se não houver comida suficiente?

— Deus há-de multiplicar o que for preciso — respondeu ela, com um sorriso meio nervoso — às vezes o milagre não está em sobrar, está em caber toda a gente.

Passaram o dia a arrumar, a limpar, a imaginar a casa cheia. Havia medo, claro, medo do

julgamento, medo de não estar à altura, medo de se expor. Mas havia também uma alegria nova, a de arriscar na direção certa.

Ao fim da tarde, a mãe de Clara sentou-se um pouco, exausta. Ela aproximou-se.

— Achas que o Menino Jesus gosta disto?

— Acho que Ele nasceu exatamente para isto — respondeu a mãe — para nos lembrar que a nossa casa ganha sentido quando deixa de ser só nossa.

Naquele dia, nada de extraordinário aconteceu ainda. Mas as portas interiores começaram a abrir-se. E, quando o coração decide abrir-se, o Menino não perde a oportunidade de entrar.

## A reconciliação

A 23 de dezembro, a aldeia parecia viver uma espécie de véspera da véspera. Havia correria, compras de última hora, listas penduradas nas portas do frigorífico. Mas naquele ano, por iniciativa da paróquia, o dia tinha um nome especial, dia da reconciliação.

A igreja esteve aberta desde manhã até à noite, com velas acesas e música suave. Quem quisesse podia entrar, rezar, falar com o padre, confessar-se, simplesmente estar. O convite era claro, antes de preparar a mesa, preparar o coração.

Clara e Samuel combinaram ir juntos depois da escola. Entraram em silêncio. O cheiro a cera e madeira antiga recebia-os como um abraço.

Sentaram-se num banco. Cada um sabia muito bem o que precisava de pôr em ordem, pequenas mentiras, impaciências, invejas, omissões. Coisas que o mundo diz serem normais, mas que, por dentro, pesavam.

O padre Manuel, paciente, escutou as confissões simples de crianças que levavam Deus a sério. Não lhes falou de castigos nem de medos. Falou-lhes de um Deus que vem ao encontro, que

perdoa, que recomeça. De um Menino que, quando crescer, dirá: “*Hoje começou de novo*”.

Ao saírem, sentiram-se mais leves. Não tinha havido fogos de artifício, mas o coração respirava melhor.

— É como arrumar o quarto — comentou Samuel  
— fica o mesmo espaço, mas tudo muda.

No fim do dia, muitas pessoas saíram da igreja com lágrimas discretas nos olhos. Talvez fosse a consciência do muito que ainda tinham de mudar. Talvez fosse o alívio de saberem que o Menino vinha mesmo assim, com as portas a meio abrir.

O Natal aproximava-se. E, pela primeira vez em muito tempo, a aldeia parecia querer, verdadeiramente, recebê-lo.

## A vigília

Chegou finalmente o dia 24. Desde cedo que havia movimento, panelas ao lume, mesas a serem estendidas, crianças excitadas, telefonemas de um lado para o outro. Mas havia também um outro movimento, mais silencioso, o da expectativa interior.

À noite, a igreja encheu-se para a Missa do Galo. O presépio de barro estava pronto, ainda sem o Menino na manjedoura. As lamparinas ardiam com mais força, o coro afinava as últimas notas.

Samuel trazia o pano azul dobrado no bolso. Clara, vestida de Maria para o teatro, sentia o coração bater com força.

Durante a homilia, o padre falou baixo, como quem não quer fazer barulho demais à porta do mistério.

— Esta noite, Deus vem pequeno, para que ninguém tenha medo de se aproximar. Vem pobre, para que ninguém se sinta indigno. Vem silencioso, para que o possamos escutar no fundo do coração.

Chegou o momento do presépio. As luzes diminuíram, e as crianças avançaram em

procissão. Clara, com a figura do Menino nos braços, caminhava devagar. Ao aproximar-se da manjedoura, olhou para o rosto de barro daquele bebé. De repente, aquilo não era apenas uma imagem. Era uma história que a incluía.

Colocou o Menino sobre a palha, e, discretamente, Samuel estendeu o pano azul, envolvendo a pequena figura. Era o seu gesto, a sua forma de dizer: “*Quero que nasças também na minha vida*”.

O coro começou a cantar, suave: “*Hoje nasceu para nós o Salvador*”. Muitos olhos se encheram de lágrimas.

Naquela vigília, ninguém viu anjos no céu. Mas houve reconciliações que se confirmaram, abraços que há anos não aconteciam, mãos que se estenderam pela primeira vez. E isso bastou para que a aldeia sentisse, sim, algo novo estava a começar.

## O nascimento

Na manhã de 25 de dezembro, o silêncio tinha um sabor diferente. Não era o silêncio pesado de outros dias de inverno, mas um silêncio cheio, como se o mundo, por instantes, respirasse mais devagar.

Samuel acordou cedo e correu à sala. O presépio de barro brilhava com a luz suave que entrava pela janela. O Menino repousava na manjedoura, envolto no pequeno pano azul. Ali, naquela cena tão simples, cabia um mistério maior do que todas as palavras.

Sentou-se diante do presépio. Não pediu nada. Limitou-se a olhar.

— Obrigado por teres vindo — sussurrou — mesmo assim, tão pequeno, tão frágil. Faz de mim alguém capaz de amar como tu.

Noutra casa, Clara acordava com o som de vozes na cozinha. A consoada da noite anterior tinha sido cheia, velhos vizinhos, o senhor Joaquim, um casal que tinha perdido o emprego, Miguel, o homem sem casa, agora com nome e história partilhados. Caberam todos. E, de alguma forma, sobrou.

A mãe entrou no quarto, sentou-se na cama e abraçou-a.

— Sabes, filha... ontem, quando vi tanta gente à nossa volta, percebi finalmente porque é que este Menino nos faz tanta falta. Ele lembra-nos que a vida só tem sentido quando se reparte.

Na missa do dia, a igreja voltou a encher. O padre Manuel, com o Menino nos braços, mostrou-o à assembleia.

— Este é o nosso Deus — disse, com a voz embargada — não um Deus distante, mas um Deus que cabe nos braços de uma mãe, que precisa do cuidado de um carpinteiro, que se deixa tocar por mãos de criança. Hoje, Ele nasce de novo, se o deixarmos entrar.

Ao sair, a aldeia parecia... a mesma. As casas, as ruas, o frio. Mas as pessoas sabiam, qualquer coisa tinha mudado. Não no calendário, mas no coração.

Porque o Menino Jesus não veio para enfeitar um inverno. Veio para acender, em cada vida, a certeza de que ninguém é esquecido, ninguém é irreparável, ninguém está condenado à solidão.

E, enquanto houvesse alguém disposto a partilhar o pão, a abrir a porta, a perdoar, a cuidar das mãos velhas, a ouvir os pastores do nosso tempo... o Natal continuaria a acontecer, dia após dia, muito para lá de 25 de dezembro.

## **Epílogo**

O Menino Jesus nasceu.

Mas o que nasceu não cabe numa noite, nem fica preso a uma data.

Nasceu para viver dentro de nós.

Para atravessar os dias comuns, os invernos longos, as casas imperfeitas e as vidas que continuam a procurar sentido no meio do cansaço. Nasceu para habitar o que é pequeno, o que é frágil, o que não faz barulho suficiente para ser notícia.

O presépio desmonta-se, as luzes apagam-se, o calendário avança.

Mas o Natal não termina. Continua sempre que alguém reparte o pão, sempre que uma porta se abre, sempre que um perdão se arrisca, sempre que alguém decide não passar ao lado.

Talvez seja isso o mais difícil de aprender, que Deus não vem para ser visitado, vem para ser vivido.

Que não pede perfeição, pede amor. E que o Menino Jesus não procura tronos, procura colo.

Se este livro fez companhia no caminho do Advento, então cumpriu o seu papel. Se ajudou a reconhecer o sagrado nos fragmentos da vida, então o Advento continua.

Porque o Menino Jesus nasce uma vez em Belém, mas continua a nascer, todos os dias, onde houver alguém disposto a amar.

# ***“Aqui, o Menino Jesus vive nos fragmentos da vida.”***

## **Nota Biográfica**

Miguel de Sousa Major é gestor e especialista em inovação urbana, desenvolvimento sustentável e transformação das cidades, com mais de três décadas de experiência na liderança de projetos estratégicos onde a tecnologia é sempre entendida como meio e nunca como fim.

Natural do Estoril, Cascais, onde nasceu em março de 1971 e continua a viver, é casado e pai de dois filhos. A família, alargada e próxima, ocupa um lugar central na sua vida e na sua forma de estar no mundo, refletindo uma visão profundamente relacional da existência, onde ninguém se constrói sozinho.



Ao longo da sua carreira, assumiu funções de CEO e membro de conselhos de administração na Europa, em multinacionais tecnológicas como a Itautec - Itaúsa Investimentos Itaú S.A. e a OKI Brasil - Oki Electric Industry Co., Ltd. É Co-Founder & Partner da Feel the Life Consulting Ltd. Em Portugal, destacou-se como Head of Future na Câmara Municipal de Cascais, onde liderou projetos de inovação e planeamento urbano, contribuindo para o posicionamento do município como referência internacional em políticas públicas sustentáveis e centradas nas pessoas. Iniciou o seu percurso profissional na indústria relojoeira, no Seiko Group, experiência que marcou o seu olhar exigente sobre precisão, tempo, design e inovação.

É licenciado em Ciências Sociais, com ligação às Artes e ao Design, possui MBA e formação especializada em Liderança Emocional. Frequentou atualmente a Pós-Graduação em Gestão de Organizações de Saúde na NOVA SBE - Nova School of Business & Economics. É Professor convidado de Pós-Graduação em Place Branding e Place Marketing no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Mantém uma cidadania ativa e comprometida, sendo Mesário da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, sponsor da ACREDITAR - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro e da Associação VilaComVida. É sócio do Sport Lisboa e Benfica.

Autor de “*Viva la Vida. Viver com Propósito*”, “*Fragmentos. Uma Breve História de Vida e Propósito*” e “*Nexus. O Futuro das Cidades*”, a sua escrita cruza reflexão, experiência e humanidade, procurando dar voz aos fragmentos invisíveis da vida, às cidades e às pessoas que nelas habitam.